



Os caminhões são uma constante diante do grande armazem graneleiro, que tem a capacidade para 500 mil sacas de soja. E o destino é a exportação

Um oásis no Planalto

A 65 quilômetros da Rodoviária, o repórter toma um susto ao se deparar com o cenário de áreas cultivadas a perder de vista, com campos sendo irrigados por sistemas modernos de aspersão, enquanto em outros trechos colheitadeiras movidas a óleo diesel varrem as plantações de ervilhas. Mas esse oásis esbarra numa cerca de arame.

“Veja a diferença: deste lado fica o Distrito Federal; daquela cerca pra lá é Goiás, onde não tem nada plantado. Isso era tudo assim, mato puro, quando começamos a implantar a nossa cooperativa há cinco anos”, informa o agrônomo Luis Ghesti, presidente da COOPA/DF.

No centro da área cultivada, uma bonita construção, cerca-da por enormes armazéns, assinala a sede da Cooperativa. E na entrada há uma placa com o seguinte letreiro: “O cooperativismo é a solução”.

A primeira semente para a formação de uma cooperativa agrícola no Planalto foi lançada quase ao mesmo tempo em que o Governo do Distrito Federal incrementava o Programa de Assentamento Dirigido — PAD/DF, com o desmatamento da área em 1977. Mas a idéia só foi mesmo consolidada no dia 10 de abril de 1978, isso graças à persistência de um jovem gaúcho nascido em Alegrete, formado em Agronomia pela Universidade de Santa Maria, Luis Ghesti, hoje com 32 anos de idade:

— “Não foi fácil, mas valeu. A cooperativa só começou mesmo a desenvolver as suas atividades a partir de setembro, a esta altura já com um mínimo de 22 cooperativados, conforme a exigência da lei, conseguindo reunir esse grupo com a maior dificuldade”.

E foi assim que a Cooperativa Agropecuária da Região do Distrito Federal — COOPA/DF, começou a montagem de sua infraestrutura de apoio às atividades agrícolas, dotando a região de instalações de recepção e armazenagem de cereais e prestando aos agricultores os serviços de fornecimento de insumos, produção de sementes, assistência técnica, repasse de financiamentos rurais, processamento de produtos e comercialização.

— “Hoje chegamos a esse estágio de integral atendimento ao nosso cooperativado que recebe toda a assistência possível, porém no começo foi tudo muito difícil para se obter os financiamentos e a compreensão das pessoas. O Banco Regional de Brasília foi o primeiro banco que acreditou no sistema fundiário do Distrito Federal, conseguindo ainda junto ao Conselho Monetário Nacional que as terras arrendadas pudessem valer como garantia dos financiamentos de crédito rural. Na época existiam produtores que se aventuraram a vir para o cerrado, mas que a rigor não tinham direito a financiamento por não possuírem garantias suficientes. Mesmo assim, o BRB acreditou mais no trabalho que no capital de que dispunham. E o futuro provou que a fé dos investidores se baseava numa realidade a curto prazo”, relembra Ghesti.

Diante de uma bonita propriedade onde uma enorme colheitadeira automotriz processa a colheita de ervilhas “além de colher 1.200 quilos por hora, essa máquina debulha e ensaca os grãos” — o presidente da Cooperativa informa:

— “Essa ervilha foi plantada em 10 hectares de terra no início do ano, e já está sendo colhida agora. O dono dessa propriedade é o gaúcho João Landemberg, de Passo Fundo. Depois de oito colheitas bem sucedidas, ele conseguiu adquirir todo o equipamento necessário para o plantio de ervilhas, trigo e soja em suas terras. Agricultor vitorioso cinco anos depois de iniciar seu trabalho, Landemberg foi um dos primeiros a chegar. Ele se inclui naquele rol inicial que não dispunha de garantias mínimas para oferecer aos seus investidores, e agora veja só que beleza de plantação. Não é uma história bonita essa do PAD/DF?”

OS BONS FRUTOS

Constituída em 1978 com 22 associados, no ano seguinte a COOPA/DF já possuía 107 associados, triplicando em 1980 para 310. Em 1981 o total de cooperativados já era de 482, subindo para 585 em 1982. Até o fim do mês de maio deste ano, o total de associados já era de 607 regularmente inscritos. Luis Ghesti faz questão de dizer que isso não aconteceu gratuitamente:

— “O mérito do PAD/DF é que, além de ser um programa bem sucedido, ele irradia e multiplica os resultados. Quer ver um exemplo? Começamos apenas com 1.600 hectares e hoje já temos 110.000 hectares plantados, incluindo as terras dos cooperativados circunvizinhos de Minas e Goiás. E a área de ação da Coope-

rativa também foi ampliada, estendendo-se a 15 municípios goianos e mineiros, isso além do Distrito Federal, que já tem 250 cooperativados e os restantes lá. Temos agricultores localizados em Cristalina, Formosa, Padre Bernardo, São João D'Aliação, Alvorada do Norte, Cabeceiras, Luziânia, Planaltina de Goiás, Alto Paraíso, Flores de Goiás, Unai, Buritis, Paracatu e Formoso. A COOPA/DF possui também entrepostos instalados em Formosa, Cristalinina, Padre Bernardo, Unai e Itapeti”.

Eleito por voto direto três vezes, “em 1978 o mandato foi só de um ano, em 1979 cumpri três anos até 81, no ano passado me honram com a reeleição com mandato que só termina em 1984” o experiente presidente da COOPA/DF está correndo o risco de ser afastado, condição imposta pelos tecnocratas do Banco Central para conceder um financiamento solicitado pelos agricultores, o que já provocou um veemente protesto do órgão que reúne as cooperativas brasileiras. Também os associados da COOPA/DF já demonstraram o seu descontentamento, mas os senhores do BC continuam irredutíveis: só aprovam o financiamento se Ghesti deixar a presidência, a fim de que seja cumprida uma das normas da instituição oficial bancária, para quem presidentes de cooperativas agrícolas não podem se eleger três vezes consecutivas.

— “Trata-se de uma intromissão indevida que não aceitamos”, desabafa um dos mais antigos cooperativados. Mas o impasse continua, muito embora o faturamento da COOPA/DF para este ano esteja previsto para 10 bilhões de cruzeiros.

IRRIGAÇÃO AJUDA

Na região do PAD/DF, que se transformou em autêntico oásis em apenas cinco anos, o agricultor é uma pessoa otimista graças aos resultados obtidos até agora, com muitos garantindo que aos mesmos “só faltava fazer chover”. E até isso eles estão fazendo hoje, devido à implantação de irrigação do sistema PROFIR, projeto do Ministério da Agricultura que cria facilidades para os produtores rurais na aquisição das máquinas e acessórios de irrigação por aspersão, sendo o Canhão Autopropelido e o sistema de irrigação a baixa pressão os mais utilizados na Região.

Sobre o processo de irrigação instalado há apenas dois anos, Ghesti acha que foi o complemento que faltava para incrementar a produção no cerrado, sendo uma forma de viabilizar a agricultura na época do inverno.

— “Agora com a irrigação, os produtos podem ser plantados durante o ano todo, dando de tudo: milho, ervilha, soja, cenoura, principalmente o trigo. Pelos resultados que estão sendo obtidos, tudo leva a crer que a irrigação vai se propagar facilmente no cerrado, já que elimina totalmente o principal fator negativo contra o agricultor que é o risco. Além do mais, se não fosse pela irrigação desenvolvida na área, nesta época do ano por aqui estaria tudo seco, com poeira para todos os lados”.

O primeiro a experimentar o sistema de irrigação por aspersão foi o gaúcho Valdomiro Schneider, que está colhendo neste mês cerca de 65 mil quilos de grãos de ervilhas secas, plantadas em 50 hectares. Ele acha que a aplicação de seu Canhão Autopropelido ajudou bastante para aumentar a média de produtividade:

— “Estamos colhendo uma média de 1.300 quilos de grãos por hectare”.

Ao seu lado, Luis Ghesti coloca na palma da mão um punhado de grãos de ervilhas e informa:

— “O maior produtor de ervilhas no país é o município de Rosário, no Rio Grande do Sul. Mas os grãos de ervilhas daqui são bem melhores.